

## Educação em informação: abordagem e estratégias

**Jussara Borges**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciência da  
Informação, Porto Alegre, RS, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0157-8691>  
[jussara.borges@ufrgs.br](mailto:jussara.borges@ufrgs.br)

**Carolayne Barros**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, RS, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5823-6613>  
[carolaynebarros7@gmail.com](mailto:carolaynebarros7@gmail.com)

**Rodrigo Flores**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7623-7529>  
[rodrigo.floress.pro@gmail.com](mailto:rodrigo.floress.pro@gmail.com)

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v18.n3.58896>

Recebido/Recibido/Received: 2025-07-07

Aceito/Aceptado/Accepted: 2025-10-06

Publicado/Publicado/Published: 2025-11-28

### ARTIGOS

#### Resumo

Este artigo discute a abordagem e as estratégias para a educação em informação, focando na formação crítica e criativa para enfrentar desafios infocomunicacionais contemporâneos, como a desinformação. A partir de uma experiência empírica realizada em 2024 com indivíduos das áreas de Informação e Comunicação, utilizou-se metodologia quali-quantitativa, incluindo questionários e entrevistas com grupo focal. Os resultados indicam que a abordagem mais aderente ao contexto atual é a crítica, na qual além de ensinar as pessoas a fazer coisas, elas são estimuladas a refletir sobre o sentido dessa aprendizagem e como podem utilizá-la para produzir mudanças em seu contexto. O artigo ainda apresenta resultados quanto ao conteúdo, aos recursos didáticos e às estratégias de aprendizagem mais adequadas a uma proposta de educação em informação. Conclui-se que a educação em informação é um campo promissor para o enfrentamento dos desafios infocomunicacionais contemporâneos, especialmente no que tange à desinformação e à superficialidade no consumo de conteúdos digitais.

**Palavras-chave:** Educação em informação. Pensamento crítico. Pedagogia crítica

#### Educación en información: enfoque y estrategias

##### Resumen

Este artículo analiza el enfoque y las estrategias para la educación en información, centrándose en la formación crítica y creativa para enfrentar los desafíos contemporáneos de la infocomunicación, como la desinformación. A partir de una experiencia empírica realizada en 2024 con personas de las áreas de Información y Comunicación, se utilizó una metodología cuali-cuantitativa, incluyendo cuestionarios y entrevistas a un grupo focal. Los resultados indican que es fundamental el enfoque que mejor se adhiera al contexto actual, en el que además de enseñar a las personas cómo hacer las cosas, se les anima a reflexionar sobre el significado de este aprendizaje y cómo pueden utilizarlo para producir cambios en su contexto. El artículo también presenta resultados respecto de los contenidos, recursos didáticos y estrategias de aprendizaje más adecuados para una propuesta de educación informacional. Se concluye

que la educación en información es un campo prometedor para enfrentar los desafíos contemporáneos de la infocomunicación, especialmente en lo que respecta a la desinformación y la superficialidad en el consumo de contenidos digitales.

**Palabras clave:** Educación en información. Pensamiento crítico. Pedagogía crítica

### **Information education: approach and strategies**

#### **Abstract**

This article discusses the approach and strategies for information education, focusing on critical and creative training to face contemporary infocommunication challenges, such as disinformation. Based on an empirical experience conducted in 2024 with individuals from the Information and Communication fields, a qualitative-quantitative methodology was used, including questionnaires and interviews with a focus group. The results indicate that the approach most aligned with the current context is the critical one, in which, besides teaching people how to do things, they are encouraged to reflect on the meaning of this learning and how they can use it to produce changes in their context. The article also presents results regarding the content, teaching resources, and learning strategies most suitable for an information education proposal. It is concluded that information education is a promising field for facing contemporary infocommunication challenges, especially concerning disinformation and superficiality in the consumption of digital content.

**Keywords:** Information education. Critical thinking. Critical pedagogy

## **1 Introdução**

O contexto infocomunicacional contemporâneo é marcado por uma série de desafios que têm provocado pesquisadores e educadores a repensar abordagens e estratégias de educação em informação. Dentre esses desafios estão a crescente desinformação e a superficialidade no consumo de conteúdo *online*. A complexidade desse contexto exige novas perspectivas sobre como formar indivíduos a lidar criticamente com a informação e a comunicação. Por exemplo, de que vale ensinar técnicas de busca da informação quando as pessoas já não fazem buscas, porque consomem o que “surge” em suas mídias sociais? Como persuadir um nativo digital quanto à relevância da leitura completa e crítica de um texto quando ele está acostumado a não se fixar além do título? Estas e outras questões relacionadas compõem o repertório de investigação subjacente à Educação em Informação (Borges; Brandão; Barros, 2022).

Preliminarmente, a educação em informação pode ser definida como uma formação crítica e criativa frente aos desafios infocomunicacionais. Crítica no sentido de refletir durante todo o processo de relação com a informação e a comunicação: por que essa informação chegou até mim? Tenho uma postura ativa ou passiva frente ao consumo de conteúdos? Quais são as minhas reais necessidades informacionais? Utilizo fontes confiáveis e diversificadas? A formação criativa refere-se a estimular o potencial inovador de cada ser humano frente à produção e disseminação de conteúdos úteis e relevantes para si e sua comunidade.

Neste artigo, a educação em informação é confrontada com questões dessa natureza, ou seja, que abordagem devemos dar em uma formação para lidar com a informação e a comunicação? Que estratégias utilizar para que essa formação seja útil e conectada com as

necessidades das pessoas quando essas mesmas pessoas não percebem sua pobreza informacional? Essas questões norteiam a investigação.

Assim, o objetivo é discutir a abordagem e as estratégias para educar em informação. Para tal, parte-se de uma experiência de educação em informação direcionada a profissionais das áreas de Informação e Comunicação realizada em 2024. Os resultados obtidos são discutidos e embasam a proposição de uma abordagem conceitual-metodológica para a educação em informação, bem como estratégias para sua promoção.

O artigo está organizado em uma seção teórica, a seguir, na qual o conceito de educação em informação é explanado, bem como os fundamentos que o sustentam. Na sequência, há uma breve seção de contextualização da experiência empírica levada a cabo a partir de um curso de extensão. Essa seção é seguida de outra que evidencia as escolhas metodológicas adotadas nesta pesquisa. Por fim, a seção de resultados aponta os principais achados, cuja discussão sustenta a proposição da abordagem e das estratégias pedagógicas que uma ação de educação em informação deve imprimir.

## **2 Educação em informação**

A sobrecarga informacional e a fragmentação da atenção são fenômenos que convergem para um cenário onde a capacidade de discernir, analisar e aplicar informações de forma crítica torna-se um pilar para a compreensão da realidade e para a vida em sociedade. Neste contexto, a educação em informação emerge como uma estratégia para o desenvolvimento das competências necessárias ao sujeito na gestão, interpretação e utilização crítica da informação.

A educação em informação alimenta-se de noções forjadas e testadas no âmbito das competências infocomunicacionais (Borges, 2018), da competência crítica em informação (CCI) (Bezerra; Schneider, 2022) e da infoeducação (Perrotti, 2016). Resumidamente, pode-se dizer que as competências infocomunicacionais contribuem trazendo a relação entre informação e comunicação ao debate, evidenciando o quanto a relação com outras pessoas (a comunicação) interfere na relação dos sujeitos com o conteúdo (a informação). Por sua vez, a CCI destaca que o aspecto crítico perante a informação deve permear todo o processo, problematizando desde as plataformas de acesso à informação até os fluxos de circulação. O conceito de infoeducação complementa essa abordagem ao propor uma perspectiva teórico-prática que supera os reducionismos do "informacionismo" e do "pedagogismo" (Perrotti, 2017). A infoeducação enfatiza a necessidade de integrar os domínios da informação e da educação para promover a apropriação simbólica da informação, entendida como um processo que requer aprendizagem e mediação, e não uma assimilação natural e espontânea. Essa abordagem destaca a dimensão

formativa da informação, que envolve aspectos semióticos, tecnológicos e sociais, e reforça a importância de uma educação que articule saberes e práticas para a construção crítica do conhecimento.

Assim, a educação em informação (Zattar; Barbosa; Borges, 2024) vem sendo desenvolvida e testada sobre esses alicerces. Pode ser considerada também como uma prática educativa que visa desenvolver a capacidade de analisar, interpretar e utilizar a informação e a comunicação de forma consciente, reflexiva e ética. Essa atividade pretende realizar avaliações críticas da realidade por meio da informação e, com isso, articular saberes técnicos com uma compreensão crítica das estruturas sociais, políticas e econômicas. Logo, a educação em informação não é neutra, mas uma prática de intervenção que busca a emancipação do sujeito, permitindo-lhe atuar como agente ativo na transformação da sua vida e da sociedade, conforme pressupostos da pedagogia crítica.

Ao imprimir a pedagogia crítica à educação em informação, as práticas avançam do ensinar a lidar com a informação e a comunicação para também, e principalmente, refletir e agir sobre o contexto infocomunicacional. Por exemplo, um tema gerador<sup>1</sup> para profissionais de informação é a Inteligência Artificial (IA). Trata-se de um assunto cercado de tabus, desinformação e uso acrítico. Numa ação de educação em informação pode-se iniciar desmistificando o assunto, incentivando os interagentes a compartilhar livremente o uso que já fazem. Nessa abordagem inicial, é importante conhecer o comportamento informacional das pessoas, sem julgamento ou crítica. Em seguida, parte-se para motivar a discussão sobre as potencialidades da IA para atividades repetitivas e pouco criativas, por exemplo. Por outro lado, estimular a reflexão sobre as limitações<sup>2</sup>: do que abdicamos quando pedimos que uma IA gere um texto acadêmico? Quem, verdadeiramente, perde e quem ganha com isso? Há uma série de outras questões que podem ser problematizadas a partir deste tema gerador, como as implicações ambientais<sup>3</sup> do uso da IA. E, a partir disso, estimular o diálogo em que as pessoas construam perspectivas baseadas em informação e como podem atuar sobre essa realidade. Freire (2021, p. 108) defende essa relação entre reflexão e ação:

[...] esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blá-blá,blá. Por tudo isso, alienada e alienante. É uma palavra oca,

---

<sup>1</sup> Tema gerador, para Freire (2021), são assuntos significativos dentro da realidade de cada comunidade, que fazem parte de seu universo temático de interesse.

<sup>2</sup> Foge ao escopo deste trabalho aprofundar a discussão, mas uma das limitações da IA diz respeito a um déficit de pensamento crítico. De acordo com Lee e colegas (2025), a IA “ pode potencialmente levar a uma dependência excessiva da ferramenta a longo prazo e à diminuição da habilidade para resolução independente de problemas.”

<sup>3</sup> Um exemplo de implicações ambientais diz respeito à reativação de usinas nucleares para produzir a energia necessária ao processamento de dados da IA.

da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação. Se, pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo.

Em síntese, essa concepção promove uma postura crítica e emancipatória diante dos contextos informacionais e comunicacionais contemporâneos, especialmente com os desafios da desinformação e das relações dos poderes globais. Portanto, a educação em informação tem como objetivo desenvolver um conjunto de competências que permitam aos indivíduos identificar suas demandas de informações, além de localizar, avaliar, usar e comunicar a informação de forma ética e crítica (Borges, Brandão, Barros, 2022).

Promovendo o pensamento crítico, estimulando o questionamento rigoroso da informação e a avaliação criteriosa das fontes, a educação em informação pretende desenvolver a capacidade analítica dos indivíduos para avaliar e posicionar-se frente aos conteúdos informacionais. Dessa forma, pretende contribuir significativamente para o enfrentamento da desinformação, que é entendida como a circulação deliberada ou não de informações falsas, imprecisas ou enganosas que podem comprometer a compreensão da realidade, e para a promoção de processos decisórios fundamentados em evidências.

Ao munir os indivíduos de um conjunto de competências analíticas e avaliativas, a educação em informação atua como um contraponto estratégico à desinformação, pois ela não apenas permite a identificação e desconstrução de conteúdos manipulativos e narrativas falsas ou enganosas, mas também promove a tomada de decisões baseada em evidências confiáveis. Este processo envolve a análise da credibilidade, relevância, atualidade e autoria das informações, bem como a compreensão de vieses e intenções subjacentes.

Além disso, é evidente a importância de uma educação em informação que não apenas desenvolva habilidades técnicas, mas que também incorpore uma dimensão ética e política, enfrentando as múltiplas formas de exclusão social e valorizando as experiências dos sujeitos marginalizados, conforme propõe a pedagogia crítica.

Pensar criticamente é um ato de coragem que envolve questionar as normas e estruturas que sustentam a opressão, incluindo o racismo, o sexismo e o colonialismo, e que exige uma prática pedagógica engajada e comprometida com a justiça social (hooks, 2010). Diante disso, a pedagogia crítica de bell hooks contribui para formar sujeitos críticos e conscientes, capazes de atuar como agentes ativos na transformação social, promovendo a justiça e a equidade. Essa visão está alinhada com a ideia de que a educação em informação não é neutra, mas uma prática de intervenção que busca a emancipação do sujeito e a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

Por fim, hooks (2010) oferece também uma contribuição para a educação em informação ao enfatizar a necessidade de enfrentar o colonialismo, o racismo e outras formas de exclusão social no ambiente educacional. Sua pedagogia crítica valoriza as experiências dos sujeitos marginalizados e propõe uma prática educativa libertadora que reconhece as interseccionalidades das opressões e promove a justiça social (Santos et al, 2024). Essa visão amplia o escopo da educação em informação ao incluir uma dimensão ética e política que dialoga com as lutas por equidade e reconhecimento.

Para Doyle e Brisola (2022) a competência crítica em informação deve promover nos sujeitos uma relação qualificada e crítica com a informação, incorporando uma perspectiva interdisciplinar e emancipatória. As pesquisadoras ainda destacam a convergência entre competências críticas em informação, alfabetização midiática e as literacias críticas, ressaltando a importância de uma formação que articule habilidades técnicas e a compreensão das relações de poder, privilégios e exclusões sociais.

Em síntese, a educação em informação adota uma abordagem que incorpora conhecimentos de disciplinas como a Ciência da Informação, a Comunicação, a Educação e a tecnologia (Bruce, 2000), para propor soluções de formação que dialoguem com as necessidades das pessoas com um contexto infocomunicacional desafiador.

Por outro lado, não é possível falar de uma educação imbuída da crítica sem refletir sobre suas limitações. Para Buckingham (2023), como os governos nacionais vêm encontrando dificuldade em regular as empresas globais de comunicação, a educação vem sendo apresentada como um meio aparentemente democrático de resolver a situação: “[...] mercados não podem ser regulados, então os consumidores precisam regular-se a si mesmos”<sup>4</sup> (Buckingham, 2023, p. 234). Com isso, o autor critica a falta de regulação e argumenta que não se pode atribuir à educação toda a responsabilidade pelo enfrentamento à desinformação. De fato, a complexidade do fenômeno da desinformação demanda a convergência de ações e não a escolha entre regulação e educação.

Dessa maneira, a integração da educação em informação nos currículos e nas práticas pedagógicas configura-se como elemento promissor, mas que carrega as limitações estruturais da educação. Em outras palavras, embora a educação conleve a potência da transformação, não raras vezes ela é usada para apaziguar, neutralizar e instrumentalizar as pessoas para o mercado de trabalho. Além disso, há de se considerar um contexto nacional marcado pela desigualdade (social, econômica, cultural etc.) que repercute na formação que crianças e jovens recebem.

---

<sup>4</sup> Tradução livre de “markets cannot be regulated, so consumers need to regulate themselves”

Portanto, a educação em informação, como prática de resistência, conforme apresentado neste trabalho, deve problematizar sua própria execução diante do complexo ecossistema informacional contemporâneo. Ela só faz sentido se representar um recurso estratégico para a compreensão crítica da realidade e para a construção de soluções inovadoras e socialmente significativas.

### **3 Curso de extensão “Educação em Informação”**

Ensino, pesquisa e extensão formam a tríade universitária, conforme definido pela Constituição Federal de 1988, no Artigo 207: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Dessa forma, o projeto de que tratamos também tem como função cumprir dois desses pilares: pesquisa e extensão. A extensão é uma forma que a universidade tem de compartilhar o conhecimento produzido nela, por meio da pesquisa, com a sociedade e se retroalimentar com os saberes locais e tradicionais.

No segundo semestre de 2024, foi realizado, em modalidade virtual, o Curso de extensão Educação em Informação, realizado pelo Grupo de Pesquisa em Competências Infocomunicacionais (InfoCom), vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O planejamento iniciou em 10 de julho do mesmo ano, quando 14 membros da equipe de organizadores, entre eles professores, monitores e uma pedagoga, se reuniram para definir a modalidade, os conteúdos, o calendário, os recursos e estratégias pedagógicas, bem como os critérios de avaliação da ação. Essas decisões tiveram por base a experiência adquirida pelo InfoCom em formações anteriores (Borges; Oliveira; Costa, 2025).

O curso de 2024 foi ministrado utilizando a plataforma Moodle, disponibilizada pela UFRGS, sendo que a página para o curso começou a ser reformulada ainda em julho de 2024. Nesse momento foram feitas, pelos monitores e a coordenação do curso, as modificações no *layout* na página do Moodle. Em agosto, os professores ajustaram os módulos relativos às suas aulas, criando e subindo para o *site* o conteúdo que seria disponibilizado para os alunos. Em setembro, a pedagoga avaliou as aulas e a coerência interna do curso entre seus objetivos, recursos, metodologias e estratégias.

Ainda em setembro, foram abertas as inscrições e a divulgação do curso através de mídias sociais, listas de e-mails e posters físicos. As inscrições ocorreram por meio do preenchimento de um formulário *online* entre os dias 09 e 12 de setembro, tendo como público de interesse profissionais de informação: bibliotecários, arquivistas, museólogos, jornalistas, publicitários e relações públicas; embora pessoas oriundas de outras formações também tenham se inscrito. O número total de pessoas que responderam ao formulário para a inscrição

foi de 399, das quais 126 foram selecionadas na primeira chamada e 12 na segunda. Nem todos os selecionados se matricularam, o que significou que o curso contou com 100 cursistas.

O curso Educação em Informação foi formado por oito aulas, uma em cada semana. Cada aula foi composta por uma leitura preparatória, uma videoaula, materiais complementares, atividades e um encontro síncrono com o professor. O encontro síncrono ocorreu às terças-feiras, das 19h às 20h. Os materiais complementares buscavam a diversidade de formatos: *podcasts*, *sites*, infográficos e outras mídias relevantes. A avaliação foi feita com base em três critérios: participação em aula, autoavaliação e entrega de um trabalho final que poderia ser realizado em grupo. O curso como um todo somou 60h distribuídas entre outubro e novembro.

#### **4 Procedimentos metodológicos**

O estudo é descritivo e documental, possui abordagem quali-quantitativa e realiza um estudo de caso, com utilização de dois procedimentos de coleta: questionário e entrevistas com grupo focal. Os dados empíricos que serão analisados na próxima seção foram coletados de duas formas: um questionário enviado a todos os cursistas concluintes e uma reunião com grupo focal constituído da equipe do curso: 10 professores, quatro monitores e uma pedagoga.

O questionário foi encaminhado via Google Forms, com perguntas objetivas e dissertativas para que os cursistas avaliassem a experiência, desde os assuntos tratados, passando pelas estratégias de aprendizagem utilizadas e as mudanças geradas em sua percepção ou comportamento frente à informação e à comunicação. Obteve-se um total de 56 respostas. As respostas fechadas foram tratadas com estatística simples, enquanto as discursivas receberam tratamento com base na análise de conteúdo (Guerra, 2010). As categorias analíticas utilizadas foram: conteúdo/tema gerador, recursos didáticos, metodologias/estratégias de aprendizagem e avaliação da experiência. Não se observou necessidade de codificação dos depoimentos, uma vez que não havia categorias de depoentes.

A reunião com o grupo focal ocorreu em janeiro de 2025 e as pessoas foram estimuladas a avaliar o conteúdo do curso, os recursos educacionais utilizados e as estratégias didáticas empregadas. A reunião foi gravada e os depoimentos foram igualmente analisados a partir do conteúdo.

Na seção seguinte, os resultados oriundos das respostas dos cursistas e da equipe são descritos, analisados e interpretados à luz do referencial teórico. Como limitações do estudo, deve-se registrar que os resultados são oriundos de uma única experiência e com um público específico, o que limita a generalização dos resultados da pesquisa.

## 5 Análise e discussão

Nesta seção serão analisadas as informações coletadas conforme descrito em procedimentos metodológicos. Na sequência, essa análise dará margem à discussão com o fim de oferecer direcionamentos conceituais, metodológicos e estratégicos para a Educação em Informação.

### 5.1 Quanto ao conteúdo e aos recursos didáticos

O conteúdo foi selecionado a partir de pesquisa anterior (Borges; Oliveira; Costa, 2025) e de reunião realizada com a equipe do curso, ficando definidas as seguintes temáticas geradoras, estruturadas em quatro módulos e oito aulas:

#### 1º Módulo – Introdução

✓ Apresentação do curso

✓ Aula 1: Educação em informação: origem, conceitos, evolução e tendências

#### 2º Módulo - Competência em informação

✓ Aula 2: Competência em informação

✓ Aula 3: Avaliação da informação, desinformação e pensamento crítico

✓ Aula 4: Produção de conteúdos, IA e propriedade intelectual

#### 3º Módulo - Competência em comunicação

✓ Aula 5: Educação midiática

✓ Aula 6: Infoeducação

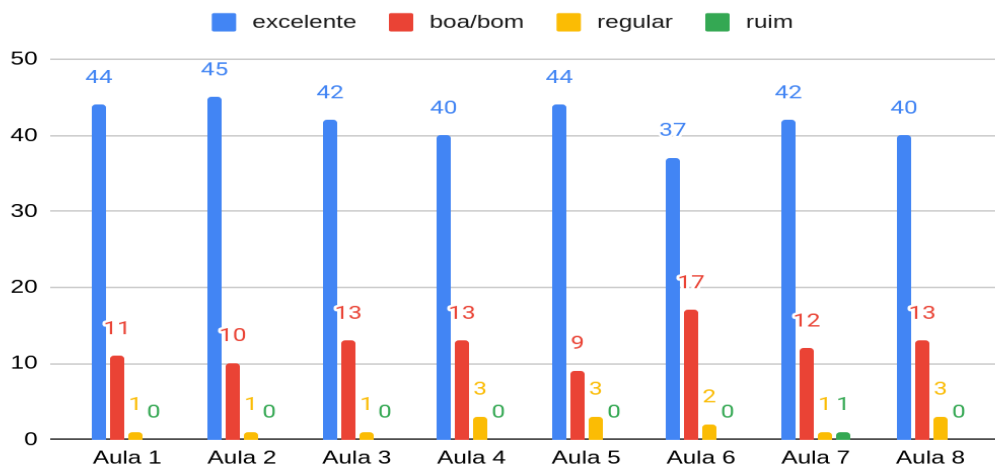
#### 4º Módulo – Promoção de Competências Infocomunicacionais

✓ Aula 7: Padrões e métodos de educação em informação

✓ Aula 8: Experiências de educação em informação

O Gráfico 1 apresenta a avaliação dos estudantes quanto ao conteúdo, com destaque positivo para as aulas 2: Competência em Informação, com 45 menções; 1 e 5: Educação em Informação e Educação Midiática, respectivamente, que receberam 44 menções como excelentes.

Gráfico 1 - Avaliação quanto ao conteúdo



Fonte: pesquisa empírica dos autores, 2025.

Questionamos os estudantes quanto a assuntos que consideraram ausentes no curso ou que, ainda que tratados, deveriam ser aprofundados. Embora 34 respondentes tenham afirmado que o conteúdo contemplou as suas expectativas, surgiram sugestões que merecem destaque para futuras formações: sete pessoas mencionaram a inteligência artificial, três sugeriram a *metaliteracy* e duas pessoas propuseram temáticas em torno da propriedade intelectual.

*Metaliteracy* e propriedade intelectual são temas relevantes e que foram tratados em outras edições do curso, sendo retirados nesta edição porque optou-se por uma versão mais enxuta, com apenas 8 aulas, diferentes das 13 que compuseram a edição anterior. Significa que são assuntos pertinentes e necessários, mas aderem melhor em um curso de maior duração, como uma especialização.

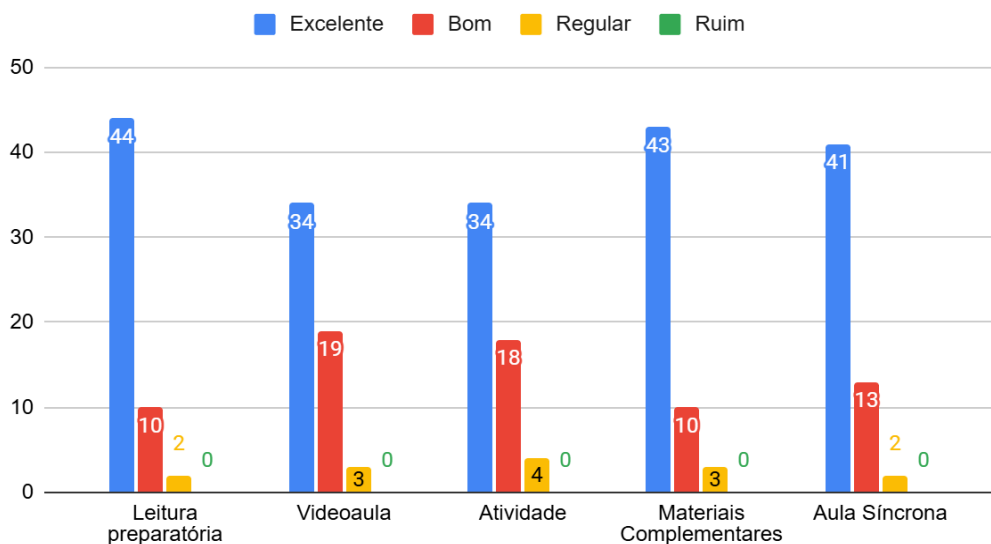
A inteligência artificial (IA), contudo, emerge como uma temática imprescindível para ser mais aprofundada na Educação em Informação. O assunto também foi indicado pelo grupo focal e debateu-se formas de abordá-lo sob uma perspectiva crítica. No curso atual, a IA foi abordada quanto à produção de conteúdos. Contudo, é inegável seu impacto em questões fundamentais para a Educação em Informação, como integridade da informação e enfrentamento à desinformação. Assim, quanto ao conteúdo, o principal resultado diz respeito ao aprofundamento da IA na Educação em Informação. A abordagem, contudo, deve ser aliada ao pensamento crítico, a partir do qual os estudantes sejam estimulados a refletir e identificar aspectos como transparência dos algoritmos e os vieses que podem afetar a construção do conhecimento. Nesse sentido, concordamos com Pinheiro, Costa e Vitoriano (2025, p. 8),

quando defendem que a integração da IA na educação “[...] não deve ser vista apenas como uma inovação tecnológica, mas como uma oportunidade para reimaginar a educação, promovendo um aprendizado mais profundo e crítico, que prepare os alunos para os desafios do futuro.” De fato, a IA vem pressionando para que professores repensem suas práticas de uma educação conteudista para uma formação mais próxima das necessidades das pessoas. Em outras palavras, a IA pode gerar conteúdo, mas a solução dos grandes problemas contemporâneos passa por criatividade, geração de conhecimento e convívio: nisso a educação precisa incidir.

Quanto aos recursos didáticos, cada aula foi composta por uma leitura preparatória, uma videoaula, uma atividade, uma aula síncrona e materiais complementares (*podcasts, lives, infográficos, jogos etc.*). O Gráfico 2 indica que todos os materiais foram bem avaliados, com destaque para a leitura preparatória. Em seis das oito aulas, esta leitura foi um dos capítulos do livro Educação para a Informação (Borges; Brandão; Barros, 2022). A proposta do livro foi oferecer um texto claro, objetivo e didático sobre cada um dos principais temas que permeiam a educação em informação. O depoimento seguinte também ilustra a percepção dos cursistas:

O curso foi bem estruturado, com diversos materiais disponibilizados, além das aulas síncronas e assíncronas, fórum para participação e contato facilitado com os professores, a interação foi muito positiva.

Gráfico 2 - Recursos didáticos



Fonte: pesquisa empírica dos autores, 2025.

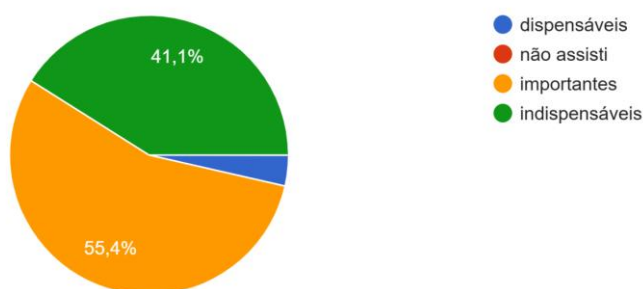
De acordo com o Gráfico 2, as atividades foram as menos bem avaliadas. Nas respostas qualitativas à questão, o que emerge é que os estudantes gostariam de mais tempo nas aulas

síncronas. Esses encontros tinham o propósito de fomentar a abordagem crítica. Assim, enquanto a leitura preparatória e a videoaula se propunham a esclarecer o conteúdo, a aula síncrona foi pensada como o momento para mobilizar esse conteúdo: debater, trabalhar em grupo, realizar atividades etc. Embora os cursistas tenham avaliado muito positivamente esse momento de interação (como veremos na próxima subseção), o que ressentiu alguns foi o curto tempo dessa interação: apenas 1 hora. Vale registrar que essa questão também emergiu no discurso da equipe envolvida no curso. Assim, uma alteração necessária em um momento futuro de nova oferta do curso é que o tempo da aula síncrona deve ser alargado para dar mais espaço ao diálogo, à participação e à interação. “Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação” (Freire, 2021, p. 115). O diálogo, a troca, a construção de sentidos compartilhados é basililar para a educação crítica que se procura imprimir e isso demanda mais tempo de partilha.

Ainda quanto aos recursos didáticos, um ponto não pacífico entre a equipe do curso era a validade das videoaulas para a aprendizagem dos cursistas. Assim, eles foram questionados objetivamente como avaliavam esse recurso para a sua aprendizagem. As respostas estão tratadas no Gráfico 3:

Gráfico 3 - Avaliação das videoaulas

Pensando especificamente nas videoaulas, você considera elas:  
56 respostas



Fonte: pesquisa empírica dos autores, 2025.

Os resultados evidenciam que o esforço dos professores surtiu efeito, porque 55,4% consideraram as videoaulas importantes e 41,1% indispensáveis. A proposta da videoaula era explicar os principais conceitos e suas relações em vídeos de 10 minutos. Para os professores, então, representou um desafio resumir e articular temáticas complexas em vídeos curtos. Os

resultados, entretanto, apontam que o esforço valeu a pena. Por outro lado, na reunião realizada com o grupo focal, os professores mencionaram que as videoaulas representam uma demanda significativa de tempo, recursos e pesquisa. Assim, embora as videoaulas devam ser mantidas e qualificadas, é necessário que os professores recebam apoio e investimento para o seu desenvolvimento.

## 5.2 Quanto à metodologia das aulas

Dentre as 56 respostas qualitativas sobre a metodologia utilizada e a forma como os professores abordaram as temáticas, 50 foram elogiosas e seis sugeriram melhorias. Das 50 avaliações positivas, vamos destacar dois aspectos que foram mais mencionados e, portanto, merecem ser mantidos: 1) 14 cursistas destacaram a clareza, didática e dinamicidade com que as aulas foram conduzidas; 2) também 14 estudantes mencionaram o fomento ao debate, à criticidade e à interação como pontos altos do curso. O depoimento seguinte ilustra ambos os pontos:

As aulas foram claras e objetivas, houve espaço para nos comunicarmos com os professores durante as aulas para tirar dúvidas e expor nossas opiniões, o que foi ótimo. O conteúdo foi didático e envolvente.

Dentre os seis cursistas que indicaram pontos a melhorar, dois mencionaram a questão do tempo curto das aulas síncronas. Os demais mencionaram elementos diferentes, sugerindo aulas mais produtivas e atualização dos conteúdos. O depoimento seguinte é um exemplo da avaliação da metodologia, focando o tempo da aula síncrona:

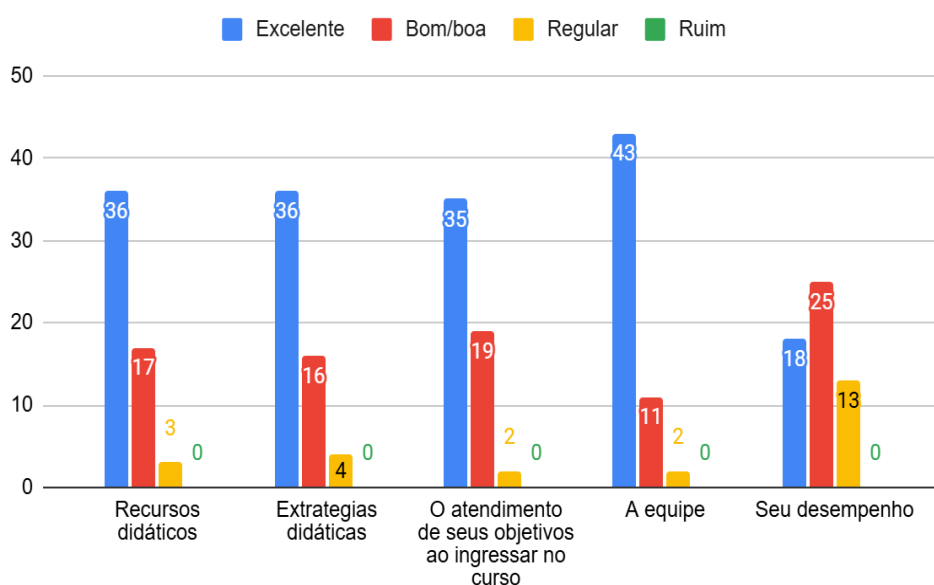
A metodologia foi eficaz, pois possibilitou fornecer de forma adequada o processo de aprendizagem dos participantes. Todavia, acrescento que maior tempo de duração nas aulas síncronas oportunizaria maior diálogo entre os alunos, os professores e as temáticas abordadas, pois há muito conteúdo para ser discutido.

Os resultados apontam, portanto, que as aulas devem ser cada vez menos conteudistas e mais problematizadoras. O conteúdo, a temática geradora, é importante se vai ao encontro de assuntos significativos para as pessoas, mas não se trata de “passar conteúdo”, mas de utilizá-lo para, a partir do diálogo, estimular as pessoas a encontrar soluções e mudanças para suas questões cotidianas. Portanto, a leitura preparatória, a videoaula e todos os demais recursos de aprendizagem devem ser objetivos, didáticos e breves, enquanto o encontro síncrono com o professor e os colegas deve ser alargado para 02 horas semanais e ser usado para o debate, a interação e a construção de conhecimento compartilhado. A pesquisa com o grupo focal também levantou alternativas para apresentar o conteúdo de forma mais dinâmica, a exemplo

de *podcasts* e *storytelings*; outra proposta foi o uso de ferramentas de construção colaborativa como o Padlet.

Buscando uma avaliação mais ampla da experiência, sugerimos que os estudantes avaliassem a contribuição para a aprendizagem de cada um dos seguintes elementos: recursos didáticos (textos, videoaulas etc.), estratégias de aprendizagem (atividades, debates etc.), equipe (professores, monitores) e a motivação pessoal, representada pelo alcance dos objetivos ao ingressar no curso e uma autoavaliação. O Gráfico 4 sumariza os resultados.

Gráfico 4 - Avaliação da experiência



Fonte: pesquisa empírica dos autores, 2025.

A equipe representa a principal variável na aprendizagem dos estudantes, segundo a sua própria avaliação. Com base no estudo conduzido por Borges, Belinaso e Soares (2022), que já apontava esse diferencial, a equipe foi cuidadosamente constituída, sendo composta por 11 professores especialistas e pesquisadores nas respectivas temáticas das aulas; além de quatro monitores que acompanhavam cada aula e mantinham a interação com os estudantes; e uma pedagoga que fez a análise e alinhou os recursos e estratégias didáticas de cada aula aos objetivos de aprendizagem. Esse cuidado quanto à equipe, portanto, deve ser mantido e expandido.

Um ponto proposto pelo grupo focal foi melhor aproveitar o potencial dos monitores, pois eles mantinham o diálogo aceso entre os participantes fora do encontro síncrono. No curso, foram utilizados fóruns de discussão do Moodle. Assim, uma sugestão é criar um grupo de

mensagens instantâneas entre monitores e cursistas, onde eles possam estar ainda mais presentes.

Por fim, o gráfico 4 ainda aponta que 13 estudantes avaliaram seu próprio desempenho como regular. Embora seja algo pessoal, vale questionar o que pode ser feito para que os cursistas se sintam mais satisfeitos com seu desempenho. Sugere-se avançar na proposição de ações que aumentem a sensação de autorrealização de quem faz o curso.

### 5.3 Proposição de abordagem e estratégias para uma ação de Educação em Informação

Esta seção sintetiza os principais achados da pesquisa e os converte em uma proposta pragmática para educar em informação, enfatizando a abordagem e as principais estratégias pedagógicas, sumarizadas no Quadro 1 e explicadas na sequência.

Quadro 1 - Síntese da Abordagem e Estratégias da Educação em Informação

Abordagem	Crítica e criativa	
<b>Estratégias</b>	Quanto ao conteúdo	Temas geradores de interesse do público, a exemplo de Inteligência Artificial
	Quanto aos recursos didáticos	Um texto e uma videoaula didáticos e objetivos Materiais complementares
	Quanto às estratégias de aprendizagem	Estratégias que promovam o debate, o diálogo e a construção partilhada de sentidos
	Quanto às pessoas	Equipe envolvida com a concepção de Educação em Informação

Fonte: síntese dos autores, 2025.

Há diversas abordagens possíveis numa formação voltada à informação. Por exemplo, uma abordagem instrumental para ensinar as pessoas a realizar buscas em bases de dados. Contudo, nossos resultados evidenciam que a abordagem mais aderente ao contexto atual é a crítica, na qual além de ensinar as pessoas a fazer coisas, elas são estimuladas a refletir sobre o sentido dessa aprendizagem e como podem utilizá-la para produzir mudanças em seu contexto. Freire (2021) enfatiza que a educação deve despertar a consciência crítica dos indivíduos sobre sua condição de opressão, promovendo a transformação social por meio do diálogo e da práxis

coletiva. Essa perspectiva é fundamental para a educação em informação, que busca não apenas a aquisição de habilidades técnicas, mas o desenvolvimento de uma consciência crítica que permita aos sujeitos reconhecerem e enfrentarem as estruturas de dominação presentes no fluxo informacional.

Quanto às estratégias, vamos enfatizar quatro aspectos principais: o conteúdo, os recursos didáticos, as estratégias de aprendizagem e as pessoas envolvidas no projeto.

Embora a ação de Educação em Informação não deva ser conteudista, é evidente que o tema gerador é crucial para que os interagentes se sintam envolvidos e motivados para a aprendizagem. Com o público pesquisado, um tema gerador que emergiu foi a Inteligência Artificial. Vale lembrar, contudo, que o tema gerador não é um fim em si mesmo, ou seja, não se trata de meramente ensinar a usar determinadas ferramentas de IA, mas aproveitar o tema para problematizá-lo e assim realizar a proposta de uma educação crítica.

Os recursos didáticos referem-se aos veículos utilizados para ofertar os conteúdos. Os resultados apontaram a importância de textos didáticos, objetivos e claros acrescidos de videoaulas com as mesmas características. Fora isso, os estudantes tiveram acesso a uma série de materiais complementares em formatos diversificados: podcasts, matérias jornalísticas, infográficos etc. Em suma, os recursos didáticos devem ter o potencial de explicar a temática de forma envolvente, mas objetiva, clara; ao mesmo tempo em que se oferecem outras opções para que as pessoas escolham aspectos em que gostariam de se aprofundar.

Um dos principais resultados dessa investigação diz respeito às estratégias de aprendizagem: as aulas síncronas não devem ser usadas para “passar conteúdo”, mas para fomentar o diálogo, a interação e a construção partilhada de sentidos. Surpreende que em um contexto em que todos se ressentem da “falta de tempo”, os dados empíricos mostrem que, ao contrário, os cursistas gostariam de dedicar mais tempo a esse momento de aprendizagem partilhada.

Por fim, e muito importante, o envolvimento cognitivo, emocional e social da equipe com o projeto representa um dos principais diferenciais. A equipe foi composta por especialistas nas temáticas de suas aulas, mas também são pesquisadores engajados com a Educação em Informação.

## **6 Conclusões**

Neste artigo advogamos que a educação em informação tem potencial libertador, como um processo educativo crítico, emancipatório e político, fundamentado na dimensão ética, social e política da relação dos sujeitos com a informação. Consideradas as limitações da

educação, conforme discutido neste artigo, a regulação das mídias de massa e a educação em informação ainda são os principais caminhos de resistência à desinformação.

A partir da análise dos resultados empíricos, e novamente consideradas as limitações de um estudo único, conclui-se que a educação em informação é uma ação promissora para o enfrentamento dos desafios infocomunicacionais contemporâneos, especialmente no que tange à desinformação e à superficialidade no consumo de conteúdos digitais. A experiência do curso de extensão “Educação em Informação” demonstrou a viabilidade e a relevância de uma abordagem interdisciplinar, crítica e criativa, que articula saberes técnicos e reflexões éticas, políticas e sociais para formar sujeitos capazes de atuar de forma consciente e transformadora no ecossistema informacional.

Os dados indicam que o conteúdo programático, estruturado em módulos que contemplam desde os fundamentos da educação em informação até a promoção de competências infocomunicacionais, foi amplamente valorizado pelos cursistas, com especial destaque para temas como educação midiática e competência em informação. Entretanto, emergiu a necessidade de aprofundar a discussão sobre a IA, dada sua crescente influência na produção, circulação e avaliação da informação, o que reforça a importância de atualizar continuamente a formação para responder às dinâmicas tecnológicas e sociais em constante transformação.

Além disso, a diversidade de recursos didáticos utilizados — incluindo videoaulas, leituras preparatórias, atividades e encontros síncronos — mostrou-se eficaz para engajar os participantes e promover uma aprendizagem significativa, evidenciando a importância de metodologias ativas e multimodais na educação em informação. A participação ativa dos cursistas e as avaliações positivas reforçam a pertinência de uma formação que não apenas transmite conteúdos, mas também estimula a reflexão crítica e a prática colaborativa.

Cursistas e equipe - as pessoas - são o elemento principal e mobilizador de qualquer projeto. Os dados empíricos mais uma vez evidenciaram isso, o que vai ao encontro do próprio conceito de Educação em Informação, uma vez que as ações só fazem sentido se forem para promover o potencial humano de emancipação, empoderamento e sociabilidade ante o contexto infocomunicacional.

Em suma, para realizar o conceito de Educação em Informação, a abordagem deve ser crítica durante todo o processo e as estratégias devem investir no diálogo, na aprendizagem colaborativa e na construção de sentidos partilhados. Freire (2021) enfatiza que a educação deve despertar a consciência crítica dos indivíduos sobre sua condição de opressão, promovendo a transformação social por meio do diálogo e da práxis coletiva. Essa perspectiva é fundamental para a educação em informação, que busca não apenas a aquisição de

habilidades técnicas, cognitivas e sociais, mas o desenvolvimento de uma consciência crítica que permita aos sujeitos reconhecerem e enfrentarem as estruturas de dominação.

## Referências

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M. (Org.). **Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1200>

BORGES, J. Competências infocomunicacionais: estrutura conceitual e indicadores de avaliação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.28, n.1, p. 123-140, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/38289>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BORGES, J.; BELINASSO, J.; SOARES, É. C. Por uma estrutura conceitual e metodológica para a promoção de competências infocomunicacionais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. 297–319, abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/39997> Acesso em: 2 jun. 2025.

BORGES, J.; BRANDÃO, G.; BARROS, S. S. (org.) **Educação para a informação: como promover competências infocomunicacionais**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

BRUCE, C. S. **Information Literacy as a Catalyst for Educational Change: A conceptual framework**, 2000. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/27466455\\_Information\\_Literacy\\_as\\_a\\_Catalyst\\_for\\_Educational\\_Change\\_A\\_Background\\_Paper](https://www.researchgate.net/publication/27466455_Information_Literacy_as_a_Catalyst_for_Educational_Change_A_Background_Paper) Acesso em: 23 mar. 2025.

BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2023. 136 p

DOYLE, A.; BRISOLA, A. C. Dois dedos de prosa sobre competência crítica em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/40000> Acesso em: 23 maio 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GUERRA, I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso**. Cascais: Principia, 2010.

LEE, H. P. H.; SARKAR, A.; TANKELEVITCH, L.; DROSOS; I., RINTEL, S.; BANKS, R.; WILSON, N. The impact of generative AI on critical thinking: Self-reported reductions in cognitive effort and confidence effects from a survey of knowledge workers. In **Proceedings of the 2025 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems (CHI '25)**. Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, Article 1121, 1–22, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3706598.3713778> Acesso em: 20 jun. 2025

PERROTTI, E. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação@Profissões**, v. 5, n. 2, p. 05–31, 2017. DOI: 10.5433/2317-4390.2016v5n2p05. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28314> Acesso em: 15 maio 2025.

PINHEIRO, M. H. B.; COSTA, M. R. M.; VITORIANO, M. A. V. A interface entre inteligência artificial e letramento informacional no ensino superior: contextos, avanços e desafios inter e multidisciplinares. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 30, p. 1–20, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2025.e103105> Acesso em: 6 jun. 2025.

SANTOS, A. N. S. dos; KEHLER, G. dos S.; MOURA, D. L. de O.; FELIPPE, J. N. de O.; REIS, G. de A.; SOUZA, L. T. R. de; MAIA NJ, N. D.; MAIA, M. D.; LUTZER, A. V. B.; ARAÚJO, R. da S.; SOUSA, M. R. de; LUIZ, G. M. de; ROSA, R. C.; SOUZA, F. R. de; TRINDADE, G. de A. “Educação comprometida”: a práxis pedagógica crítica, libertária e engajada sob a lente de Bell Hooks. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 10, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n10-043. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/8633> Acesso em: 5 maio 2025.

ZATTAR, M.; BARBOSA, M. de F. S.; BORGES, J. Educação em informação: uma proposição terminológica e conceitual. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 33, 2024. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2023v33.67651. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/67651> Acesso em: 20 maio 2025.